

mala voadora: o dispositivo da imagem

FILIPPE FIGUEIREDO & PAULA GOMES MAGALHÃES

Quinze anos após o momento fundador (2003), Jorge Andrade e José Capela, a dupla que assegura a direcção artística da mala voadora, continuam a aceitar a condenação «imposta» pela escolha do título de um conto de Andersen como designação identificativa. No conto, o protagonista acaba condenado a contar histórias para viver. No caminho artístico que partilham, Jorge Andrade e José Capela defendem que é possível contar histórias a partir de quase tudo, seja um texto, uma ideia ou um simples objecto.

Sem identidade delineada, nem modelos que a ajudem a definir, o colectivo recusa uma metodologia pré-determinada, em benefício da multiplicidade de processos de criação, na senda de uma ideia eternamente indefinida de teatro ou de uma reformulação/desconstrução permanente dessa ideia. Tem sido essa a constante na trajectória da mala voadora, desde os primeiros passos, percorridos em conjunto com diferentes encenadores, até aos projectos mais recentes. Neste percurso, foi determinante a contaminação do *devising theatre*, da companhia Third Angel, que permitiu a reconfiguração da prática teatral do colectivo «como espaço aberto à reinvenção dos métodos e à diversidade dos recursos expressivos» (Martins, 2017: 125).

É neste contexto que a relação entre o actor e encenador Jorge Andrade e o arquitecto e cenógrafo José Capela assume particular relevo, no modo como as opções cenográficas são responsáveis por reforçar e potenciar as leituras dramáticas. Aqui, a imagem, entendida como dispositivo, afirma-se como importante ferramenta enquanto estratégia de exploração das possibilidades estéticas e discursivas em torno da ideia de teatro. As possibilidades são múltiplas, assim como os recursos:

- > através da integração da imagem do exterior na construção do espectáculo, como em *casa & jardim* (2012), em que a fachada do Centro Cultural de Belém (onde o espectáculo era apresentado) invadia o espaço cénico, duplicando a dimensão da movimentação das oito personagens entre o interior e o exterior de uma casa;
- > através do exercício de *mise en abyme* como artifício de exploração da metateatralidade, como em *Pirandello* (2015) – que opera um jogo

- constante entre o espaço cénico e a reprodução desse espaço enquanto subterfúgio cenográfico e dramaturgico – ou *Hamlet* (2014) – em que a multiplicação no palco de imagens da sala onde o espectáculo decorre, potencia e acentua a ideia primordial da encenação em torno do fazer de conta;
- > através da tensão entre a desconstrução do artifício da representação e o jogo do simulacro e da ilusão, como em *protocolo* (2014), em que actores e público se vêem constantemente reflectidos no espelho que ocupa o fundo do palco;
 - > através da manipulação da imagem (fixa ou em movimento) para a construção de uma narrativa, como em *Moçambique* (2016), em que imagens documentais são ficcionadas de um modo que não visa a verdade;
 - > através da confrontação da imagem com a própria cena, como em *o duplo* (2009), em que sucessivas sequências de imagens retiradas de filmes são apresentadas perante a imobilidade de um actor e uma banda sonora interpretada ao vivo por outros dois actores (mais recuados na cena);
 - > ou simplesmente através da dimensão plástica e visual resultante das opções cenográficas e de iluminação e que as imagens de cena cristalizam, como em *memorabilia* (2011) ou *Wilde* (2013).

Tendo o jogo como mote, não permanente mas persistente, a imagem – fixa, em movimento ou reproduzida enquanto elemento integrante do espaço cénico – assume-se como instrumento de construção, desconstrução, reconfiguração, fruição ou mesmo destruição desse exercício constante que é a forma como a mala voadora entende o fazer teatral (uma incessante procura) e insiste em contar as «suas» histórias.

O trabalho de José Carlos Duarte, o fotógrafo não cativo, mas suficientemente constante para deixar patente a sua marca, constitui, por isso, o elemento de fecho, o corolário de uma máquina teatral ardilosa. As suas imagens ora insistem em convocar o tão discutido *efeito de real* potenciando a tensão entre documento e ficção, ora introduzem uma evidente perturbação da percepção do espaço e da acção. Entre um modo e outro, o simulacro instala-se como uma *poiesis* que faz imergir o observador em exercícios de *mise en abyme* ou de faz-de-conta, tão caros à dramaturgia. Seja nos casos em que as suas imagens invadem o espaço cénico, seja noutros em que contribuem para a fixação de uma memória do evento performativo, as criações visuais de José Carlos Duarte têm tido

a capacidade de completar o discurso cenográfico de José Capela e de o articular com o trabalho de Jorge Andrade. Não obstante o estatuto de complementaridade, parece certo que as imagens de José Carlos Duarte adquirem amiúde um carácter autónómico, proporcionando ao observador uma eterna possibilidade de (re)ver o espectáculo.

Este portefólio procura dar conta das estratégias discursivas de que as fotografias de José Carlos Duarte para a mala voadora são alvo, pôr em evidência o seu grau de vinculação à criação teatral e ao espectáculo, mas, ainda assim, assumir também o seu estatuto e o seu poder enquanto objectos visuais.

José Carlos Duarte (Castelo Branco, 1971), *aka* José Júpiter (Lisboa, 2008-2016), vive e trabalha em Lisboa. Licenciado em Engenharia de Informática (Universidade Nova de Lisboa) e com uma pós-graduação em Fotografia, Projecto e Arte Contemporânea (Atelier de Lisboa, 2011/2012), trabalha maioritariamente na área das tecnologias da informação. Como fotógrafo, colabora regularmente com a companhia mala voadora e com os coreógrafos João dos Santos Martins e Tiago Cadete. Foi professor de fotografia e expõe de forma irregular o seu trabalho autoral desde 2009.

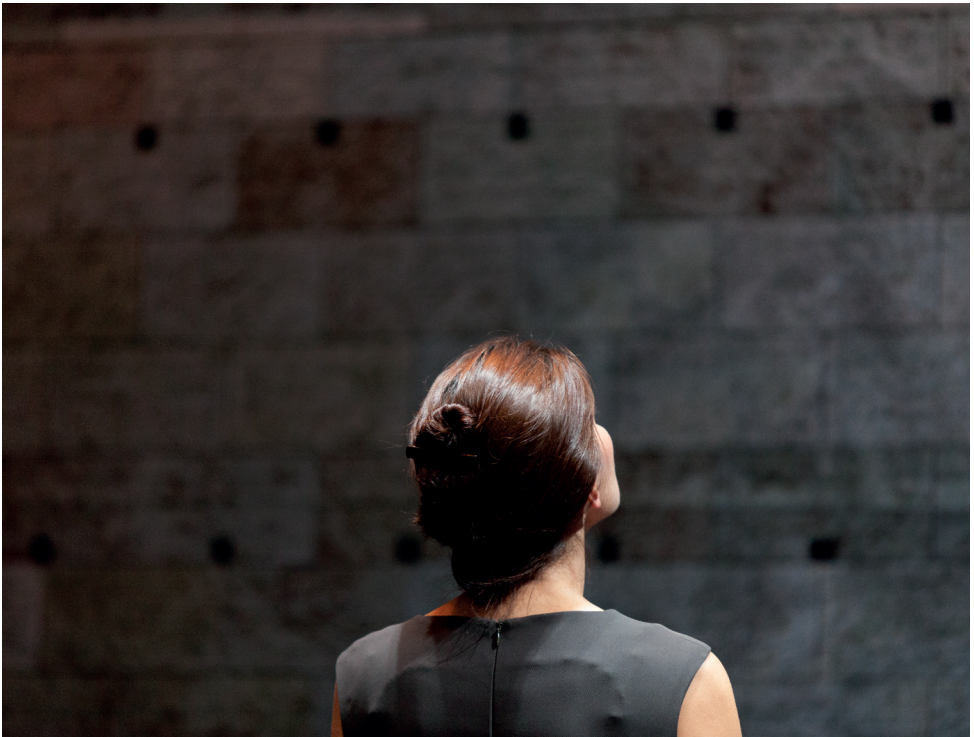
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MALA VOADORA, <http://malavoadora.pt/>.

MARTINS, R. (2017). «As poéticas do desassossego da mala voadora», Colectivo 84, Martim Pedroso & Nova Companhia e Miguel Loureiro (colectivo 3/quartos), in Rui Pina Coelho (ed.), *Teatro Português Contemporâneo. Experimentalismo, Política e Utopia [Título provisório]*, Lisboa, Bicho do Mato, pp. 117-33.



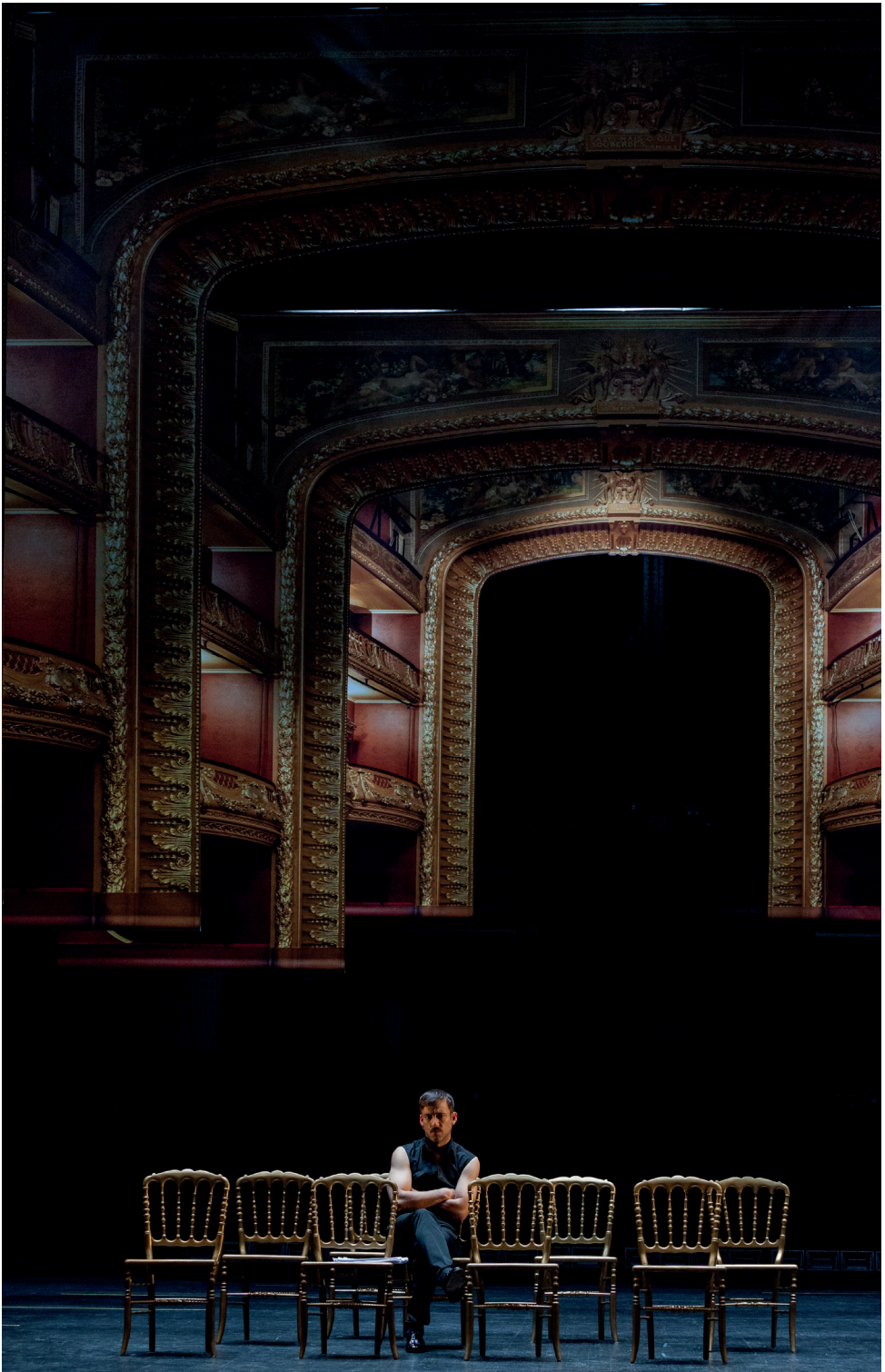




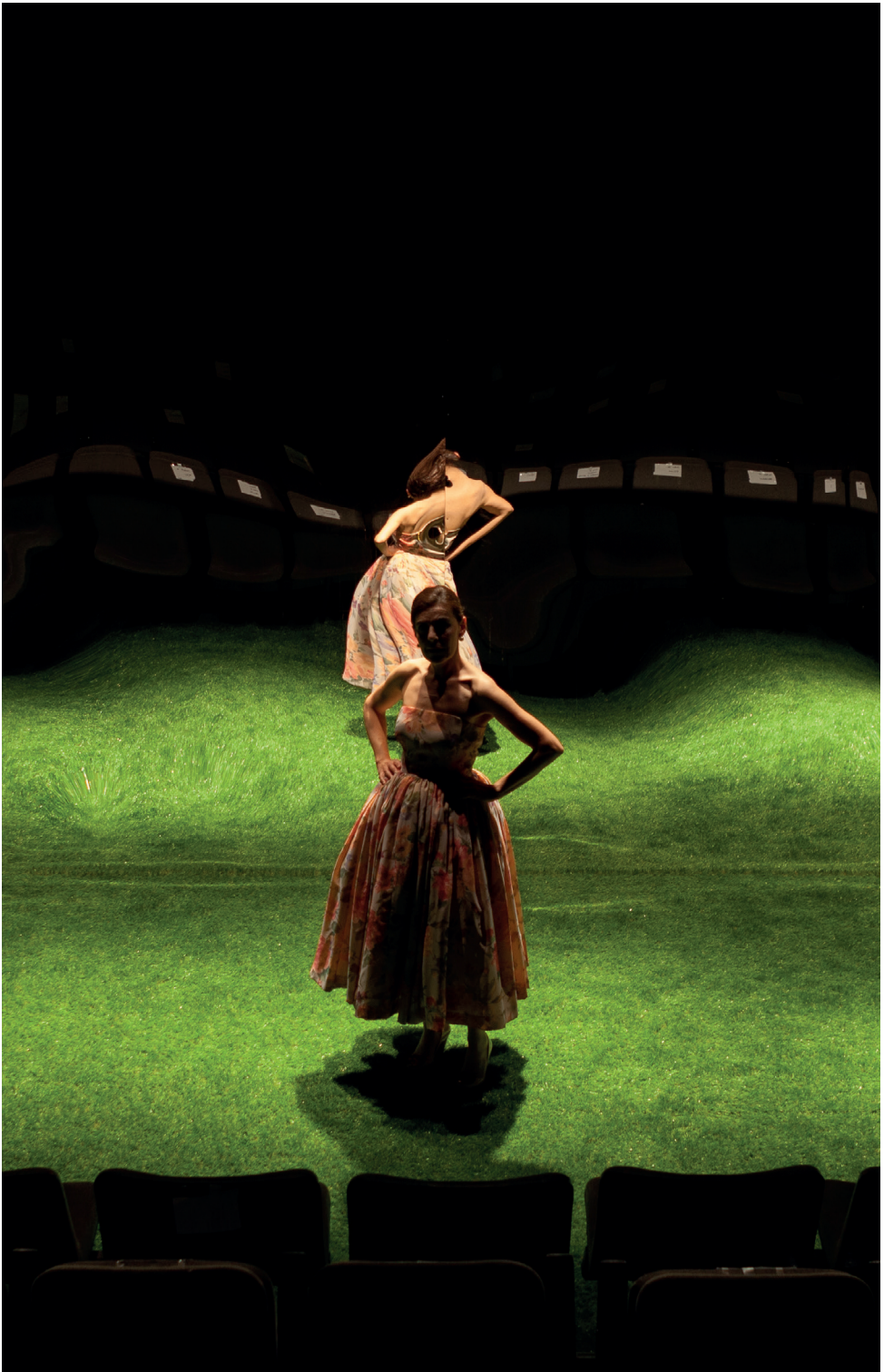






















O Duplo, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2009 (Jorge Andrade), [F] José Carlos Duarte



Casa & Jardim, de Chris Thorpe, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2012 (Anabela Almeida, Joana Bárcia), [F] José Carlos Duarte



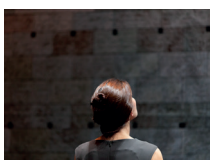
Wilde, a partir de Oscar Wilde, dir. Jorge Andrade e Miguel Pereira, mala voadora, 2013 (Valentina Parlato, Joana Bárcia e Nuno Lucas), [F] José Carlos Duarte



Hamlet, de William Shakespeare, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2014 (Anabela Almeida, João Vicente, Manuel Moreira, David Cabecinha e Carla Bolito, sentados à mesa, e Jorge Andrade e David Pereira Bastos), [F] José Carlos Duarte



Memorabilia, de Miguel Rocha, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2011 (Anabela Almeida), [F] José Carlos Duarte



Casa & Jardim, de Chris Thorpe, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2012 (Anabela Almeida), [F] José Carlos Duarte



Wilde, a partir de Oscar Wilde, dir. Jorge Andrade e Miguel Pereira, mala voadora, 2013 (Jorge Andrade, Miguel Pereira, Tiago Barbosa, Joana Bárcia, Valentina Parlato, Carla Bolito e Nuno Lucas), [F] José Carlos Duarte



Hamlet, de William Shakespeare, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2014 (Marco Paiva, João Villas-Boas, Carlos António, Anabela Almeida, Carla Bolito, Jorge Andrade, David Pereira Bastos, Manuel Moreira e David Cabecinha), [F] José Carlos Duarte



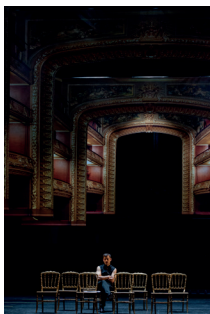
Memorabilia, de Miguel Rocha, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2011 (Manuel Moreira e Anabela Almeida), [F] José Carlos Duarte



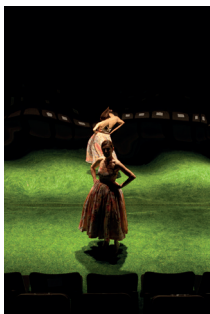
Casa & Jardim, de Chris Thorpe, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2012 (Silvia Filipe), [F] José Carlos Duarte



Wilde, a partir de Oscar Wilde, dir. Jorge Andrade e Miguel Pereira, mala voadora, 2013 (Tiago Barbosa e Valentina Parlato), [F] José Carlos Duarte



Hamlet, de William Shakespeare, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2014 (Jorge Andrade), [F] José Carlos Duarte



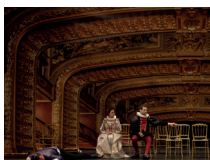
Protocolo, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2014 (Anabela Almeida), [F] José Carlos Duarte



Pirandello, a partir de Ele Foi Mattia Pascal / O Falecido Mattia Pascal, de Luigi Pirandello, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2015 (Marco Paiva), [F] José Carlos Duarte



Moçambique, texto e dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2016, (Isabél Zuaa), [F] José Carlos Duarte



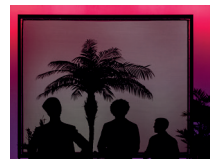
Hamlet, de William Shakespeare, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2014 (Marco Paiva, Anabela Almeida e João Vicente), [F] José Carlos Duarte



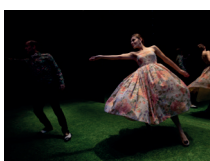
Protocolo, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2014 (Jorge Andrade e Anabela Almeida), [F] José Carlos Duarte



Pirandello, a partir de Ele Foi Mattia Pascal / O Falecido Mattia Pascal, de Luigi Pirandello, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2015 (Maria Ana Filipe, Custódia Gallego, Mónica Garnel, Marco Paiva, Albano Jerónimo, Tânia Alves e David Cabecinha), [F] José Carlos Duarte



Moçambique, texto e dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2016, (Welket Bungué, Matamba Joaquim, Jorge Andrade e Isabél Zuaa), [F] José Carlos Duarte



Protocolo, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2014 (Jorge Andrade e Anabela Almeida), [F] José Carlos Duarte



Pirandello, a partir de Ele Foi Mattia Pascal / O Falecido Mattia Pascal, de Luigi Pirandello, dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2015 (Marco Paiva, David Cabecinha, Joana Costa Santos, Anabela Almeida, Mónica Garnel, Custódia Gallego, Tânia Alves e Maria Ana Filipe), [F] José Carlos Duarte



Moçambique, texto e dir. Jorge Andrade, mala voadora, 2016, (Jorge Andrade, Bruno Huca, Isabél Zuaa, Welket Bungué, Jani Zhao e Matamba Joaquim), [F] José Carlos Duarte